



CONSIDERAÇÕES SOBRE O PRÉ-CONSTRUÍDO NA ANÁLISE DE DISCURSO: GESTO DE INTERPRETAÇÃO DE DIZERES DE UMA MULHER PRESA

CONSIDERATIONS ABOUT THE PRECONSTRUCTED IN THE DISCOURSE ANALYSIS: GESTURE OF INTERPRETATION OF SAYINGS OF AN INCARCERATED WOMAN

LUCIANA IOST VINHAS¹

Resumo: Compreendendo os conceitos de pré-construído e de discurso-transverso como pontos fundamentais da articulação da Teoria do Discurso com a Linguística, o presente trabalho busca compreender como o enunciado de uma mulher em situação de privação de liberdade produz sentidos, em consonância com uma reflexão sobre as noções de pré-construído e de discurso-transverso. Ao ser questionada sobre sua relação com as agentes penitenciárias, a apenas responde que costuma conversar com as agentes e ter uma boa relação com elas, e afirma: “não é porque a gente é presa que a gente tem que ser ignorante”. A Análise de Discurso, ao compreender o pré-construído e o discurso-transverso enquanto os modos como o interdiscurso se faz presente intradiscursivamente, não desvincula esses funcionamentos da relação entre ideologia e inconsciente, considerando-a como constitutiva do processo de estabelecimento de sentido entre interlocutores. Sendo assim, a análise contribui para um aprofundamento desses conceitos no seio da teoria.

Palavras-chave: pré-construído; discurso-transverso; interdiscurso; mulher presa.

Abstract: Through the understanding that the concepts of preconstructed and transverse discourse are fundamental to the articulation between Discourse Theory and Linguistics, this study has the objective of understanding how the statement of a woman in situation of deprivation of liberty produces senses, aligned with a reflection on the notions of pre-built and transverse discourse. When questioned about her relation with the guards, she answers that she usually talks to the guards and she has a good relationship with them. She says: “it's not because we are prisoners that we have to be ignorant people”. Through the understanding of the preconstructed and the transverse discourse as mechanisms through which the interdiscourse is present by the intradiscourse, the Discourse Analysis does not unlink these operations that concern the relation between the unconsciousness and the ideology, and the theory considers this relation a necessary part of the process of establishing meaning between subjects. Thus, this analysis contributes to a better understanding of these concepts in the theory.

Keywords: preconstructed; transverse discourse; interdiscourse; incarcerated woman.

¹ Universidade Federal de Pelotas (UFPEL), Pelotas, RS, Brasil. lucianavinhas@gmail.com
Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-1026-2277>

Quais são os discursos que trabalham no interior de um discurso, linguisticamente? É essa a ideia de pré-construído, não há discurso que funcione sem fazer apelo a outros discursos.

Paul Henry (2013)

1. CONSIDERAÇÕES INTRODUTÓRIAS

Michel Pêcheux, filósofo que proporcionou a observação dos fenômenos da linguagem pela perspectiva de uma semântica de ordem materialista, trouxe reflexões sobre a relação inevitável entre o dito e o ideológico. Perpassa, por seus trabalhos, o pressuposto fundamental de que os dizeres nunca são ingênuos: envolvem questões políticas, ideológicas e de classe. A linguagem traz a possibilidade de o sujeito expressar a sua identificação, sem que o sujeito saiba completamente da sua identificação com uma determinada posição política, ideológica e de classe. A linguagem impõe a identificação e é impossível fugir dessa injunção. Ser sujeito é estar preso na linguagem, na qual se materializam diferentes processos discursivos que disputam as identificações, ou seja, que chamam os sujeitos a ocupar determinadas posições na luta de classes. Conforme Pêcheux ([1975] 2009, p. 146 [grifos do autor]), em uma célebre citação de sua obra “Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio”,

É a ideologia que fornece as evidências pelas quais “todo mundo sabe” o que é um soldado, um operário, um patrão, uma fábrica, uma greve etc., evidências que fazem com que uma palavra ou um enunciado “queiram dizer o que realmente dizem” e que mascaram, assim, sob a “transparência da linguagem”, aquilo que chamaremos *o caráter material do sentido* das palavras e dos enunciados.

Já tomamos a iniciativa de adiantarmos o efeito da ideologia no processo de produção de sentidos. A porta de entrada deste texto precisa ser explícita na maneira como esse processo é compreendido, calcado em uma perspectiva materialista. Esse processo só funciona porque existe o fornecimento de certas evidências que ganham forma de existência material em dois tipos diferentes de funcionamento: o pré-construído e o discurso-transverso. Nosso debate reconhece, desde o início, uma diferença fundamental entre as duas noções, cujas especificidades serão trabalhadas ao longo do texto, com especial destaque ao pré-construído. Assim, uma das justificativas para este empreendimento teórico-analítico está na necessidade de se trazer contribuições para aprofundar o debate sobre essas noções que, de certa forma, não registram consenso entre os analistas de discurso.

O presente texto² nasce do confronto de um *corpus* com a teorização de Paul Henry e de Michel Pêcheux sobre a noção de pré-construído, considerando o seu caráter basilar no seio dos estudos discursivos que se ancoram na proposta pechetiana. O *corpus* se constitui pelos dizeres de uma mulher presa quando entrevistada sobre a sua vida na prisão. Com o enunciado que será analisado, pretendemos fazer trabalhar os processos discursivos, tendo como base a forma como a língua materializa a ideologia. Desde então, salientamos a necessidade de se refletir teoricamente sobre a noção de pré-construído, cujos fundamentos encontram sustentação no

² Uma primeira versão deste trabalho foi apresentada no 6º Seminário Nacional de Linguística e Ensino de Língua Portuguesa (SENALLP), ocorrido na Universidade Federal do Rio Grande, em 2017.

funcionamento da língua, não destacando tal reflexão da articulação com a noção de discurso-transverso, necessária para a sua compreensão.

O objetivo do trabalho é compreender como o enunciado de uma mulher em situação de privação de liberdade produz sentidos, em consonância com uma reflexão sobre as noções de pré-construído e de discurso-transverso. Com a elaboração teórica, conseguimos entender, através do encaixe sintático, como saberes que *todo mundo sabe* podem interferir no processo de construção dos enunciados, caracterizados como algo anterior a essa construção: o pré-construído, ou seja, aquilo que antecede à construção do enunciado que o determina. A reflexão traz as principais teorizações já desenvolvidas sobre a noção e busca estabelecer novas relações a partir daquilo que é materializado nos dizeres da mulher entrevistada.

A organização do texto reflete uma proposta de trabalhar teoria e análise de forma articulada. É apresentada uma única seção, a qual relaciona teoria e análise em um movimento espiral, que, conforme Pêcheux ([1983] 1997, p. 316 [grifos do autor]), “vem *escandir* o processo, produzindo uma sucessão de *interpretações* do campo analisado”. A seção teórico-analítica precede as considerações finais e é antecedida pela presente introdução.

2. O BATIMENTO ENTRE TEORIA E ANÁLISE

No início desta seção, faremos um retorno às teorizações sobre a noção de pré-construído desenvolvidas no âmbito da Análise de Discurso. Antes de fazê-lo, apresentaremos o enunciado que será trabalhado ao longo do texto, a fim de que se possa fazer referência a ele ao longo da discussão. A formulação que será aqui trabalhada foi retirada de uma entrevista feita com uma mulher em situação de privação de liberdade³.

(01) Trecho recortado da entrevista realizada com a apenada⁴.

(PERGUNTA) uhuuhn... mas hã::: quando tu tens alguma alguma:::... alguma solicitação... alguma reclamação... tu faz pras agentis... alguma coisa que tu [precisa

(RESPOSTA) não não] quando tivé que falá e pedí eu falo... é que nem eu falo pras guria... vocês têm que falá... a gente é presa... então já tamos presa... o que que vai acontecer com nós? nos matá?... nos levá pro castigo?... eu tô há um ano e dez meses presa e nunca fui pro castigo... sempre conversei numa boa com as funcionária... tu tem que sabê se dá ao respeito pra sê respeitada... tem que saber conversá também não é tudo na estupidez na ignorância... *não é porque a gente é presa que a gente tem que sê ignorantí*⁵

A resposta exposta em (01) é efeito de uma pergunta sobre a relação entre as apenadas e as agentes penitenciárias, elaborada para compreender o que acontecia quando da existência de

³ A mulher se encontrava em situação de privação de liberdade na Penitenciária Feminina Madre Pelletier (Porto Alegre/RS). A entrevista é parte do banco de dados do projeto de pesquisa de doutoramento “Discurso, corpo e linguagem: processos de subjetivação no cárcere feminino”, realizado de 2011 a 2014, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, sob orientação da Profa. Dra. Maria Cristina Leandro-Ferreira. O projeto obteve aprovação junto ao Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da instituição.

⁴ As designações *apenada*, *presa* e *mulher em situação de privação de liberdade* estão sendo usadas de forma intercambiável no texto, não sendo problematizadas possíveis especificidades semântico-discursivas.

⁵ O excerto da entrevista tenta reproduzir os elementos da oralidade através das marcas presentes na transcrição. Embora existam elementos suprasegmentais que poderiam ser objeto de análise acústica, o presente trabalho não tem o objetivo de analisar os elementos prosódicos, e, por isso optamos por somente apresentar a transcrição. O trecho em itálico corresponde ao recorte que será analisado no trabalho.

alguma solicitação ou reclamação pelas presas. A mulher entrevistada⁶ narra sobre sua situação de “livre acesso” às agentes, requisitando-as quando sente necessidade e esperando respeito (porque as respeita e sabe como conversar com elas). Segundo ela, saber conversar e respeitá-las indica que “não é porque a gente é presa que a gente tem que ser ignorante”⁷. Daremos atenção específica a este recorte, o qual será resgatado ao longo do texto.

O pré-construído é uma noção que constitui a caixa dos conceitos (LEANDRO FERREIRA, 2003) da Análise de Discurso e disponível para as mobilizações teórico-analíticas empreendidas nas pesquisas da área. No nosso entendimento, o enunciado recortado, para ser objeto de descrição e interpretação por meio da teoria materialista dos sentidos, precisa ser lido em confronto com o pré-construído, para que seja possível compreender o processo de produção de sentido. O pré-construído funciona como determinante no estabelecimento de sentido, materializado através da articulação sintática.

A noção trata, fundamentalmente, da relação entre língua e discurso. Paul Henry, um dos pensadores que compuseram o círculo de estudos protagonizado por Michel Pêcheux na França, por volta dos anos 1960 e 1970, diz ser a noção de pré-construído um dos pontos fundamentais da articulação da teoria dos discursos com a Linguística (HENRY, 2017). Essa articulação envolve uma compreensão muito específica do conceito de língua e do conceito de discurso: a língua é tomada como “sistema sintático intrinsecamente capaz de jogo” (LEANDRO-FERREIRA, 2000, p. 12), possuindo “uma opacidade, uma espessura semântica, uma densidade histórico-social” (LEANDRO-FERREIRA, 2000, p. 09); o discurso tem o seu sentido construído como “efeito no encontro entre o sujeito (que não é causa de si), o dito (presente no aqui e agora da enunciação) e o já-dito (uma ausência, vinda de antes, que atravessa o dito)” (TEIXEIRA, 2005, p. 18-19).

O pré-construído se caracteriza por colocar em jogo, no processo discursivo, aquilo que foi dito antes, em outro lugar, e que, à revelia do sujeito, marca sua presença naquilo que ele diz. Henry (2013, on-line) fala, em entrevista ao LABEURB⁸, que “o que se diz, o que se escuta, é sempre atravessado por algo que já foi dito, atravessado por um discurso anterior. [...] O

⁶ As entrevistas semi-estruturadas foram realizadas com nove apenadas da Penitenciária em abril de 2013. As perguntas abrangiam diferentes questões sobre as rotinas da/na prisão, atentando especificamente para o corpo no discurso das apenadas. As mulheres entrevistadas foram selecionadas pela Direção da Penitenciária, sendo que o único critério de seleção solicitado pela pesquisadora foi referente ao tempo de privação de liberdade que cada apenada já havia cumprido no interior da Penitenciária: foram escolhidas 3 apenadas que já estavam presas há um longo período, 3 apenadas que estavam presas por um período médio e 3 apenadas presas há pouco tempo. As entrevistas foram gravadas em uma sala antes do portão de entrada para as galerias, perto das salas administrativas, onde as mulheres costumam encontrar seus representantes jurídicos. A porta da sala ficou aberta durante as conversas, mas nenhuma outra pessoa esteve presente durante a realização das entrevistas. No início de cada entrevista, a pesquisadora explicava brevemente quem era e o objetivo do projeto, lendo, em voz alta, o termo de consentimento livre e esclarecido. Assim, no que concerne às formações imaginárias, podemos afirmar que, considerando as projeções estabelecidas pelos pontos A e B, podemos compreender que a situação específica de construção de um *corpus* experimental não deixa de produzir efeitos naquilo que pode e deve ser dito pelos sujeitos-enunciadores entrevistados; no entanto, cada material de análise, obtido através das entrevistas, apresentam elementos que escapam ao controle daquilo que se forja pelo funcionamento do esquecimento nº 2, o que aponta para sentidos não previstos de serem colocados em circulação a partir do aparente controle do sujeito-enunciador (tanto da entrevistada quanto da entrevistadora). A situação de entrevista, então, se mostra extremamente produtiva para o desenvolvimento de pesquisas no âmbito da AD.

⁷ O enunciado foi ajustado para a língua portuguesa escrita padrão, porque será repetido ao longo do texto e não nos interessam as marcas específicas da forma como a apenada o oralizou.

⁸ Entrevista cedida ao Laboratório de Estudos Urbanos (LABEURB) da Universidade Estadual de Campinas em dezembro de 2013 (HENRY, 2013, on-line).

discurso não funciona de modo isolado, ele está sempre ligado a outros discursos que se convocam, e são convocados por sua letra, sua materialidade”.

Afirmar que todo sistema linguístico possui uma autonomia relativa só é possível se existe um funcionamento exterior ao sistema que garante a possibilidade de se produzir sentido. Henry (1992) aborda essa autonomia relativa dando destaque aos processos discursivos que determinam os elementos fonológicos, morfológicos e sintáticos que serão colocados em jogo pela base linguística. Por um lado, a mesma base linguística pode colocar em circulação diferentes processos discursivos, e, por outro lado, bases linguísticas diferentes podem colocar em circulação os “mesmos” processos discursivos (PÊCHEUX, [1975] 2009).

Conforme Haroche, Pêcheux e Henry ([1971] 2007, p. 20 [grifos dos autores]), “*o laço que une as “significações” de um texto às suas condições sócio-históricas não é meramente secundário, mas constitutivo das próprias significações*”. É na dependência de uma exterioridade constitutiva, resgatada do funcionamento interdiscursivo, que convocamos a língua em sua autonomia relativa, e é na relação entre língua e discurso que operam os funcionamentos do pré-construído e do discurso-transverso. Esse processo concerne à oposição entre base linguística e processo discursivo: a partir de Henry (1992), Pêcheux ([1975] 2009, p. 81 [grifos do autor]) afirma que “todo sistema linguístico, enquanto conjunto de estruturas fonológicas, morfológicas e sintáticas, é dotado de uma *autonomia relativa* que o submete a leis internas, as quais constituem, precisamente, o objeto da Linguística”.

Dentre as diferentes estruturas que compõem o sistema linguístico, cabe reconhecer o destaque do nível sintático na materialização dos processos discursivos. Henry (1990, p. 58) refere que a autonomia relativa da língua diz respeito à “independência de um nível de funcionamento do discurso em relação às formações ideológicas que nele se articulam, nível de funcionamento relativamente autônomo de que a linguística faz a teoria”, sendo a sintaxe uma das manifestações da autonomia relativa da língua.

O esforço de Haroche, Pêcheux e Henry ([1971] 2007), mesmo que ainda embrionário, está em estabelecer esse vínculo, lançando a noção de pré-construído enquanto vinculada à articulação entre base linguística e processo discursivo. Na relação enunciado/enunciação,

“o sujeito falante” toma posição em relação às representações de que ele é o *suporte*, desde que essas representações se encontrem realizadas por um “pré-construído” linguisticamente analisável. É sem dúvida por essa questão, ligada à da sintagmatização das substituições características de uma formação discursiva, que a contribuição da teoria do discurso ao estudo das formações ideológicas (e à teoria das ideologias) pode atualmente se desenvolver mais proveitosamente (HAROCHE; PÊCHEUX, HENRY, [1971] 2007, p. 30-31 [grifo dos autores]).

O pré-construído⁹, desde o seu surgimento, parece estar vinculado diretamente àquilo que ganha forma de existência material, ou seja, ao “linguisticamente analisável”, sendo seu funcionamento, nos estudos de Pêcheux, relacionado ao nível sintático do sistema linguístico. Também se compreende, por essa afirmação dos autores, que há um elo entre o sistema linguístico e as operações de substituições oriundas das formações discursivas¹⁰ (FD). Acontece

⁹ Segundo Malidier (2003, p. 36), apesar de o termo *pré-construído* ser atribuído a Paul Henry, “uma noite, ao sair do seminário de Culioli, na esquina da rua de Feuillantines e Saint Jacques, no fogo da discussão, Michel Pêcheux propõe o termo pré-construído. A teoria do discurso acabava de receber um novo conceito”.

¹⁰ Para definir a FD, cuja complexidade teórico-analítica será mais aprofundada posteriormente, tomamos a interpretação de Courtine (2009, p. 99), para quem “o domínio de saber de uma FD funciona como um princípio de aceitabilidade

que, conforme veremos, o pré-construído é linguisticamente analisável quando um saber de uma FD hegemônica, detentora de saberes que *todo mundo sabe*, se materializa em seu dizer através do encaixe sintático, como se esse saber fosse uma evidência.

No texto “Construções relativas e articulações discursivas”, Henry ([1975] 1990) faz referência ao pré-construído como efeito subjetivo de anterioridade, cuja origem é implicada, característico do funcionamento determinativo da proposição relativa. Esse efeito, segundo o autor, é originado da ilusão de que o sujeito é a fonte de seu próprio dizer. Considerar, portanto, que o dizer do sujeito pode ser atravessado, via funcionamento determinativo, por pré-construídos, indica a submissão do sujeito ao esquecimento de que ele não é a fonte do seu próprio dizer. Dizer o que não se quer dizer indica que o sujeito não determina o que diz: essa determinação acontece alhures, pelo funcionamento do que Pêcheux ([1975] 2009) chama de interdiscurso, isto é, o complexo com dominante das FD. Não existe interdiscurso sem FD que o organize.

No período anterior ao texto de Henry, entre os anos 1972 e 1974, tem-se o caminho percorrido na concretização da relação entre a teoria do discurso e os funcionamentos linguísticos. Nesse caminho, narrado por Maldidier (2003), surge a noção de pré-construído para fornecer “a ancoragem linguística da tomada do interdiscurso” (MALDIDIÉ, 2003, p. 34), cuja fonte está, por um lado, articulada à leitura materialista de Frege e, por outro, referente à noção de pressuposição de Ducrot.

Há uma diferença na conceitualização da implicação em Pêcheux/Henry e em Ducrot. Em termos gerais, para Ducrot (1987), há dois tipos de implícitos, relacionados à diferença estabelecida entre enunciado e enunciação: o primeiro tipo de implícito possui uma ancoragem no conteúdo do enunciado, recuperada do componente linguístico, e se denomina pressuposto; ao passo que o segundo tipo, o subentendido, trabalha com a enunciação, com as circunstâncias da enunciação, mas também depende do enunciado para ser resgatado. Pêcheux ([1975] 2009, p. 50) refere que “Ducrot opõe a *língua* (concebida como um “instrumento”) e a *fala* (concebida como a utilização desse instrumento), sendo que os pressupostos derivam da primeira e os subentendidos da segunda”.

Na AD, a visão discursiva da implicação ocasiona uma redefinição do conceito de pressuposição com a criação do conceito de pré-construído, o qual garante o vínculo entre língua e discursividade. Para a visão discursiva, “tratar da pressuposição/implicação, além de representar uma forma de discorrer sobre questões de sentido, é também uma maneira de refletir sobre a questão do sujeito” (MORAES, 2009, p. 262). Assim, entendemos que recorrer a um novo conceito para se referir ao atravessamento de um saber anterior àquilo que é dito indica uma diferença epistemológica que afeta a concepção de subjetividade. A Análise de Discurso, então, alimenta seu quadro teórico-analítico com um conceito que mantém relação estreita com a forma como concebe a dimensão subjetiva, dividida entre as duas estruturas-funcionamento que a compõem: o inconsciente e a ideologia.

Apesar de a relação entre o pré-construído e o interdiscurso só ser apresentada na obra “Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio”, o debate sobre a questão da pressuposição impulsionava Pêcheux e Henry a pensarem sobre um “já-ouvido”, um “já-lá”, uma anterioridade discursiva (ideológica) que determina a forma como as construções sintáticas se articulam. Essa anterioridade, cunhada como *interdiscurso*, ganha existência material através

discursiva para um conjunto de formulações (determina “o que pode e deve ser dito”), assim como um princípio de exclusão (determina “o que não pode/não deve ser dito”).

de duas estruturas intradiscursivas: o pré-construído e o discurso-transverso. Devido à diferença epistemológica entre a pressuposição e a compreensão materialista empreendida pelos autores, houve a necessidade de alteração na designação, pois o pré-construído “permite pensar e apreender o interdiscurso”, conforme diz Maldidier (2003), e o fator fundamental dessa diferença conceitual se ancora no efeito da determinação ideológica na configuração da materialidade linguística e não se amarra a nenhum sentido lógico. Pré-construído e discurso-transverso mostram que o interdiscurso existe.

Ainda sobre a diferença entre a Semântica Argumentativa de Ducrot e a Análise de Discurso de Pêcheux, é importante mencionar que as línguas naturais autorizam certas construções sintáticas que supõem a existência de um referente. Na perspectiva da lógica, tais construções seriam tidas como efeitos da imperfeição das línguas: Ducrot percebe a questão pela perspectiva lógico-pragmática por meio da noção de pressuposição; já Henry e Pêcheux compreendem que tal ponto toca relações entre sintaxe e semântica, e aí se pode observar a relação entre os funcionamentos discursivo e linguístico, ou seja, como explica Maldidier (2003, p. 35 [grifos da autora]), “as estruturas sintáticas que autorizam a apresentação de certos elementos fora da asserção de um sujeito lhes aparecem como os *traços de construções anteriores*, de combinações de elementos da língua, já “ousados” em discursos passados e que tiram daí seu efeito de evidência”. Essas estruturas sintáticas têm relação com a questão da referencialidade, e é por isso que, neste momento, vamos retomar o enunciado da apenas.

Conforme Moraes (2009, p. 263), para a Análise de Discurso, como uma teoria não referencialista, “constrói-se o sentido de X a partir das condições de produção em que X aparece”. Pensando no enunciado “não é porque a gente é presa que a gente é ignorante”, podemos começar a articulação analítica pela construção do referente “presa” introduzido no enunciado. A apenas reconhece que existem saberes vinculados à significação do referente que poderiam levar o interlocutor a interpretar presa como *aquela que é ignorante*. O resgate do referente da determinativa citada poderia conduzir à interpretação de que *presa é aquela que é ignorante*. A subordinação liga, portanto, o linguístico ao discursivo. O referente *presa* poderia ser significado como *aquela que não é ignorante*, ou seja, parece existir, via esquecimento nº 2, a necessidade de se negar algo que parece já ser estabelecido como um saber naturalizado. Temos, no enunciado recortado a partir da fala da apenas, a emergência de um saber pré-construído que é por ela negado pelos efeitos dos mecanismos de antecipação das formações imaginárias, articulados ao esquecimento nº 2: dizer que *presa não é ignorante* é determinante para a produção de sentido entre locutores pelo fato de a apenas reconhecer o saber dominante vinculado ao referente presa. A apenas instala, no funcionamento linguístico, um gesto de resistência aos saberes evidentes. Além disso, a formulação, ao ser referida à situação de enunciação, pode funcionar como uma resposta a uma projeção imaginária estabelecida pelo sujeito-enunciador em relação àquilo que A (a entrevistada) imagina que B (a entrevistadora) sabe sobre A. Entendemos que esse funcionamento também se sustenta na evidência naturalizada pelo funcionamento do pré-construído.

Assim, o sentido de *presa* é constituído interdiscursivamente. No caso do pré-construído, a construção da referencialidade está vinculada à evidência do sentido. A ausência de anterioridade do pré-construído, tido como algo natural, tem relação, portanto, com o esquecimento nº 1, de funcionamento inconsciente. Essa anterioridade natural pode entrar em contradição com a própria forma como o sujeito se relaciona com a FD que o interpela predominantemente, a FD não-hegemônica. Desse modo, o pré-construído subverte a autoridade que a FD possui sobre o sujeito, conforme trabalhado por Pêcheux ([1975] 2009).

De acordo com o observado em (01), a apenada interrompe a pergunta da pesquisadora para dizer que, quando precisa falar com as agentes penitenciárias sobre algo que a incomoda, toma a iniciativa e o faz. Inclusive, aconselha as outras apenadas para que façam o mesmo. Segundo ela, “a gente é presa... então já estamos presa. O que que vai acontecer com nós? Nos matar? Nos levar pro castigo?”. Com as perguntas, ela resgata o sentido evidente de que a prisão é uma situação limite, de que nada pode ser pior do que estar presa. Uma interpretação para o que se apresenta é de que a punição mais severa, conforme previsto em lei, possível de ser atribuída a um criminoso pelo Aparelho Repressivo de Estado¹¹ é a sua inserção no regime de privação de liberdade. Ela tem conhecimento desses saberes e não hesita em falar com as agentes penitenciárias. Também podemos interpretar que a apenada sabe da sua subjugação frente ao Estado, mas, mesmo assim, reconhecendo as possíveis consequências de seu posicionamento desassociado da posição hegemônica, ousa tomar a língua para si e se rebelar.

Quando menciona “não é porque a gente é presa que a gente tem que ser ignorante”, fazendo referência ao respeito que tem com relação às agentes, a presa mobiliza uma rede semântica relacionada à pessoa em situação de privação de liberdade. Os sentidos naturalizados com relação à pessoa presa são vinculados àquilo mencionado pela apenada. Parafrasticamente, podemos compreender que preso é ignorante... *criminoso, mal-educado, desrespeitoso...* Podemos forjar imaginariamente o referente com base naquilo que está previsto pelo funcionamento da FD dominante, chamada aqui de FD do Estado burguês. Esses mesmos saberes interferem na fala da presa via emergência de pré-construído, o qual, na formulação, surge negado: “não é porque a gente é presa que a gente tem que ser ignorante”.

A apenada seleciona um dos sentidos evidentes que dizem respeito à pessoa presa e apresenta o seu avesso: *as apenadas não podem e não devem ser ignorantes* opera em relação com *as apenadas podem e devem ser ignorantes*, representando um funcionamento dividido do enunciado (COURTINE, 2009). São duas possibilidades de ditos a partir de duas FD diferentes, em relação de antagonismo: a FD dominante, relacionada ao Estado burguês, e a FD dominada. A apenada, via esquecimento n° 2, de forma não parafrástica, mas polissêmica, subverte com a representação hegemônica sobre a pessoa presa.

Entender o que significa ser *presa* envolve o processo de interpelação ideológica e como os sentidos se tornam *sentidos evidentes*. Zandwais (2019, p. 111) diz que toma a

configuração do funcionamento da ideologia como um “arcabouço” a partir do qual as palavras recebem sentidos, remetendo para dois campos de saber: a) o campo da história, em que os sentidos podem ser explicados em relação a suas condições de produção; b) o campo das condições empíricas de uso das palavras e de estabilização dos “domínios de pensamento”, a partir das quais os sentidos cristalizam-se e os sujeitos passam a reconhecer a si e aos outros por meio de uma espécie de “consenso intersubjetivo”, onde os sentidos emergem como evidências, dissimulando o papel da história.

Como efeito material desse funcionamento, encontra-se o pré-construído, o qual relaciona os dois campos citados pela autora. Os sentidos só se tornam evidentes por um trabalho articulado entre história e língua, e é por isso que a evidência relacionada ao sentido de sujeito preso passa a significar aquilo exposto pela própria apenada: aquele que é preso é ignorante.

¹¹ Tanto o Aparelho Repressivo de Estado quanto os Aparelhos Ideológicos de Estado são elaborados e conceituados por Althusser (2008). Na presente proposta, considerando os objetivos do trabalho, tomou-se a decisão de não ser dedicado um espaço para a discussão teórica sobre esses elementos. Cabe referir que o Aparelho Repressivo de Estado contempla as exigências da prática jurídica, as prisões, a polícia, os tribunais, as forças armadas, o chefe de Estado, o governo e a administração, definindo o Estado como “força de execução e de intervenção repressora” (ALTHUSSER, 2008, p. 260).

Apesar da tentativa de a ideologia tornar esse sentido naturalizado, a Análise de Discurso indica que essa obviedade é, na verdade, materializada a partir de uma posição política, ideológica e de classe, pois isso é próprio do processo de produção do sentido. Sempre que se reproduz um saber, mesmo que seja um saber da ordem daquilo que *todo mundo sabe*, se representa uma posição. No caso do pré-construído, trata-se da posição dominante na disputa política, ideológica e de classes, a qual, pelo trabalho da história, parece ser tida como natural ao funcionamento de todas as FD que constituem o complexo de FD do interdiscurso. O pré-construído invade o funcionamento das FD instalando a contradição, ou, em outras palavras, instalando o absurdo, tal como no enunciado *Aquele que morreu na cruz para nos salvar nunca existiu* trabalhado por Pêcheux ([1975] 2009).

Aqui está o processo de resistência materializado: é possível não satisfazer à representação dominante que circula na formação social capitalista, reproduzida hegemonicamente pelos Aparelhos Ideológicos de Estado através das formações ideológicas, e, também, pelo próprio Aparelho Repressivo do Estado burguês. É nesse processo que o pré-construído, vinculado a uma FD dominante, se instala e produz efeitos.

No que diz respeito ao texto de 1975 escrito por Michel Pêcheux e Catherine Fuchs, “A propósito da Análise Automática do Discurso: Atualizações e perspectivas”, é possível afirmar, consoante Malidier (2003), que há nele uma descrição do pré-construído sem que os autores empreguem o termo. Nas palavras da autora, nesse texto, o pré-construído concerne a um “traço, no próprio discurso, de discursos anteriores que fornecem como que a “matéria prima” da formação discursiva, à qual se cola, para o sujeito, um efeito de evidência” (MALDIDIER, 2003, p. 39-40), e esse funcionamento tem relação direta com a ilusão de o sujeito se encontrar na fonte do sentido (esquecimento nº 1).

Conforme já antecipado, vamos dedicar algumas páginas deste texto para uma reflexão sobre a proposta apresentada no livro “Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio”, no qual Pêcheux, a partir de uma leitura materialista de Frege, trabalha com as relativas e desemboca na análise de dois funcionamentos que relacionam língua e discurso: o pré-construído e o discurso-transverso (a articulação de enunciados), relacionados ao funcionamento das orações subordinadas adjetivas. Segundo Malidier (2003, p. 41), “quer as relativas pudessem ser o objeto de uma interpretação determinativa ou apositiva exibiam um fenômeno linguístico nas fronteiras da sintaxe e da semântica”. Entendemos que pré-construído e discurso-transverso são dois funcionamentos do interdiscurso na intradiscursividade, ligados, respectivamente, à relativa restritiva/determinativa e à relativa explicativa/apositiva. A base para essa assunção está em Malidier (2003, p. 48 [grifo da autora]): “o pré-construído está ligado ao funcionamento determinativo da relativa; o funcionamento dito explicativo está na fonte do que Paul Henry, em seu artigo publicado no número 37 de *Langages*, tinha chamado de “articulação de enunciados””.

Conforme Cattelan (2013, p. 400), é “por meio da reflexão sobre o sentido sob o prisma do materialismo histórico, e não idealista ou antropocêntrico, que Pêcheux pretende se colocar e fundar uma teoria do discurso que, mais do que descobrir a verdade, explicita as “verdades” evidentes de cada formação discursiva”. Isso significa que todo saber, mesmo que tenha a aparência de ser um saber evidente, que todo mundo sabe, é uma tomada de posição política, ideológica e de classe, e, sendo uma tomada de posição, está vinculado a uma FD.

Pré-construído e discurso-transverso se tornam mecanismos de se observar o vínculo entre interdiscurso e intradiscursos. São, segundo Pêcheux, *dois efeitos* operados na sintaxe, o efeito de encadeamento e o efeito de articulação, resultados de um trabalho do interdiscurso e entendidos,

de início, como *leis psico-lógicas do pensamento*. Assim, o pré-construído se associa ao *impensado do pensamento* que emerge, via encadeamento sintático, no eixo da formulação, ao passo que o discurso-transverso se refere ao *retorno do saber no pensamento*, surgindo intradiscursivamente através da articulação entre proposições. Alguns dos exemplos trabalhados por Pêcheux sobre esses dois funcionamentos são, respectivamente, “Aquele que salvou o mundo morrendo na cruz nunca existiu” e “O gelo, que tem um peso específico inferior ao da água, flutua sobre a água”, os quais remetem às orações subordinadas adjetivas restritivas (pré-construído) e às orações subordinadas adjetivas explicativas (discurso-transverso). Os dois exemplos citados serão aqui brevemente explicados.

Quando Pêcheux traz o exemplo “Aquele que salvou o mundo morrendo na cruz nunca existiu”, percebe-se um efeito de discrepância entre o sentido estabelecido a partir da oração principal, *Aquele [Jesus] nunca existiu*, e a oração subordinada adjetiva, *Aquele que salvou o mundo morrendo na cruz [Jesus]*. Embora remetam ao mesmo referente, as orações não estabelecem o mesmo efeito de sentido: por um lado, a oração principal resgata um saber do discurso ateu; por outro lado, a oração subordinada atualiza um saber do discurso cristão. A contradição estabelecida no enunciado, através da operação de encadeamento da oração subordinada, revela a incidência de um saber que *todo mundo sabe* no funcionamento de determinadas FD tidas como dominadas. A partir da posição do ateísmo (da identificação do sujeito com a FD do ateísmo), mesmo sendo impossível dizer que Jesus salvou o mundo morrendo na cruz, esse saber emerge como se sempre lá estivesse, como uma evidência.

Há, no enunciado, algo que é pensado antes, em outro lugar ou independentemente (o *impensado do pensamento*) e, ao mesmo tempo, há algo contido na informação global da frase, materializada pela oração principal. Todo esse processo diz respeito ao funcionamento da referencialidade: Jesus é tido, *obviamente*, como *aquele que salvou o mundo morrendo na cruz*. Somente a partir da subordinada é possível resgatar o referente do enunciado. Esse resgate pode ser feito por se tratar de um saber *que todo mundo sabe*. Não é possível retomar o referente sem a inserção da subordinada, e, embora a oração seja subordinada à oração principal, o sentido que ela estabelece advém de um discurso tido como dominante – e não de um discurso dominado no complexo das FD que constituem o interdiscurso.

Quando se fala nesse processo de estabelecimento de sentido a partir da constituição de um referente, podemos fazer breve menção à teorização proposta por Courtine (2009), ao tratar dos domínios de memória. Sem nos alongarmos nesse ponto, o autor diz que a formação dos objetos de discurso nas redes de formulações, ou seja, intradiscursivamente, tem relação com a formação dos pré-construídos. Há, portanto, um processo de constituição de evidências, que se dá interdiscursivamente, e essas evidências são linearizadas como objetos associados a um saber dominante. *Quem morreu na cruz para nos salvar*, independente de identificação de religião, sempre será construído como o objeto de discurso *Jesus Cristo*, mesmo que isso desencadeie uma discrepância, uma contradição, na forma como o sujeito se relaciona com a ideologia. Admitir que existe um tipo de funcionamento do interdiscurso relacionado ao pré-construído significa assumir a determinação da alteridade no funcionamento do discurso: a constituição de um determinado referente só é possível se o discurso-outro, advindo de outro lugar do complexo das FD, é atualizado.

O mesmo processo acontece quando Pêcheux apresenta o exemplo resgatado de Frege. No enunciado “Aquele que descobriu a forma elíptica das órbitas planetárias morreu na miséria”, temos duas orações: a oração principal, *Aquele que morreu na miséria*, cujo referente não é possível de ser resgatado, e a oração subordinada restritiva, *Aquele que descobriu a forma*

elíptica das órbitas planetárias. Com a subordinada, supõe-se que *todo mundo sabe* quem é o descobridor da forma elíptica das órbitas planetárias, de forma que não se torna necessário mencionar o referente intradiscursivamente. O referente se encontra, portanto, no interdiscurso, sendo o *impensado do pensamento*, existindo a interferência de um domínio de pensamento em outro domínio de pensamento. Com o estudo sobre as relativas, Pêcheux indica que a diferença estabelecida entre elas não é linguística, mas discursiva.

Voltando ao enunciado trazido para análise, temos “Não é porque a gente é **presa** que a gente tem que ser ignorante”. O período que se constrói pela estrutura *Não é porque... que...* pode ser compreendido como um período composto por subordinação, no qual a oração subordinada é adverbial consecutiva, exprimindo uma consequência. Em função da presença da negação na oração principal, *Não é porque a gente é presa*, a consequência expressa pela oração subordinada acaba sendo uma negação daquilo que é expresso na oração principal, ou seja, ser preso **não** é ter que ser ignorante: ser preso não tem necessariamente como consequência ser ignorante.

Assim, *a gente é presa* remete, pelo nome próprio, aos saberes constituídos a partir desse referente, resgatados interdiscursivamente. Aquele que é preso é aquele que é ignorante, é aquele que é mal-educado, é aquele que é pobre, etc. A partir dessas redes de constituição do discurso se tem acesso aos saberes que constituem o referente e que se materializam intradiscursivamente. Trata-se do efeito do pré-construído colocado em circulação via encadeamento sintático, o qual não está somente vinculado ao funcionamento da oração subordinada adjetiva, podendo, portanto, conforme aqui proposto, ser escandido para a oração subordinada adverbial. Curioso é que adjuntos adverbiais e adjuntos adnominais, sintaticamente equivalentes às orações subordinadas adverbiais e às orações subordinadas adjetivas, respectivamente, são tidos como termos acessórios da oração pela tradição gramatical, e, pela abordagem discursiva, ambos podem ser considerados como essenciais por mobilizarem elementos do interdiscurso que apontam para a determinação ideológica.

Se *Jesus é aquele que morreu na cruz para nos salvar*, a presa é *aquela que é ignorante*. Tem-se uma discrepância entre a forma como a apenada discursiviza *a presa* e a forma como o saber dominante a discursiviza. A partir da posição dominada, da qual a apenada fala, é possível dizer *preso não pode e não deve ser ignorante*; já a partir da posição dominante, é possível dizer *preso pode e deve ser ignorante*. Tem-se, portanto, a discrepância entre dois domínios de pensamento, sendo o pré-construído acionado por meio da sua própria negação. Para Pêcheux ([1975] 2009, p. 93), há, no funcionamento do pré-construído, a “discrepância entre dois domínios de pensamento, de tal modo que o sujeito encontra um desses domínios como o impensado de seu pensamento, impensado este que, necessariamente, pré-existe ao sujeito”. O referente *presa* ser significado como *ignorante* pré-existe, portanto, ao sujeito-enunciador.

Através da observação das relativas e fazendo a devida menção a Paul Henry, Pêcheux chega à definição de pré-construído, o qual passa a ser entendido como uma “construção exterior, mas sempre independente, em oposição ao que é “construído” pelo enunciado. Trata-se, em suma, do efeito discursivo ligado ao *encaixe sintático*” (PÊCHEUX, [1975] 2009, p. 89 [grifo do autor]); o pré-construído corresponde ao “sempre-já-aí da interpelação ideológica que fornece-impõe a “realidade” e seu “sentido” sob a forma da universalidade (o “mundo das coisas”)” (PÊCHEUX, [1975] 2009, p. 151). Há discrepância entre dois domínios de pensamento colocados materialmente pela subordinada – a construção anterior, exterior, como se sempre já se encontrasse aí – e pela oração principal – aquilo que é construído pelo enunciado.

Em função de o pré-construído instalar uma discrepância no enunciado, Pêcheux o associa ao *estranho familiar* (umheimlich) introduzido por Freud (MALDIDIER, 2003). Conforme dito pelo próprio autor, “a “evidência” da identidade oculta que esta resulta de uma identificação-interpelação do sujeito, cuja origem estranha é, contudo, “estranhamente familiar”” (PÊCHEUX, [1975] 2009, p. 142). O pré-construído pode ser associado a algo que não é uma paráfrase daquilo que pode ser dito pela posição da qual o sujeito enuncia; no entanto, apresenta uma estranha familiaridade¹² por ser algo possível de ser dito por qualquer posição em função de seu caráter de universalidade. É por isso que se trata de uma “mistura surpreendente do absurdo e da evidência” (PÊCHEUX, [1975] 2009, p. 142), um retorno do estranho no familiar. Entendemos que, com o pré-construído, o óbvio surge pelo absurdo como um efeito do esquecimento n° 1, à la Barão de Münchhausen¹³.

O discurso-transverso pode ser remetido ao funcionamento do excesso e da falta (ERNST, 2009¹⁴). Ao se dizer algo, também se deixa de dizer algo. Para explicar essa nossa interpretação, considerando que o foco do trabalho é o pré-construído, tentaremos ser breves. O discurso-transverso, conforme Pêcheux ([1975] 2009, p. 101), “intervém como suporte do pensamento contido em uma outra proposição”. No exemplo “O gelo, que tem um peso específico inferior ao da água, flutua sobre a água”, temos um período composto por subordinação no qual a oração principal apresenta como referente *o gelo* ocupando a função sintática de sujeito, ao passo que *flutua sobre a água* possui função sintática de predicado. É possível saber qual é o referente da oração. A proposição articulada entre o sujeito e o predicado, funcionando como relativa apositiva, apresenta o funcionamento do excesso: o *suporte do pensamento* contido na oração principal. Dizer que o gelo tem um peso específico inferior ao da água dá o suporte para a constituição do sentido a partir da oração principal. Por isso o discurso-transverso, pelo funcionamento da apositiva, é o suporte do pensamento contido em outra proposição, provocando o *efeito de sustentação*.

No entanto, a escolha pela proposição que sustentará o enunciado não é de natureza linguística. Vamos trazer um exemplo para ajudar na explicação. No enunciado “Universidades federais, que podem perder recursos em 2021, são responsáveis por quase 70% das notas máximas no Enade”¹⁵, a oração subordinada traz um saber vinculado ao referente *Universidades federais*. O que está dito na oração subordinada poderia não ter sido dito, segundo critérios da tradição gramatical; no entanto, ao provocar o excesso, ou seja, o *retorno do saber no pensamento*, há o estabelecimento de um efeito de sentido diferente caso o enunciado fosse *Universidades federais, que causam grande prejuízo para os cofres públicos, são responsáveis por quase 70% das notas máximas do Enade*. Então, aquilo que é dito na oração subordinada é possível de ser dito a partir de uma determinada FD, com a qual o sujeito se identifica,

¹² Embora não seja o objetivo do presente trabalho, é importante referir que o funcionamento do pré-construído pode ser associado ao *estranhamento* na abordagem elaborada por Ernst (2009). A autora menciona que o efeito do pré-construído pode romper com a estrutura linear do enunciado, provocando uma *desordem* no enunciado.

¹³ Karl von Münchhausen foi um militar alemão que viveu várias aventuras no século XVIII. Seus feitos foram narrados na obra “As aventuras do Barão de Münchhausen”, de Rudolph Erich Raspe. Essa personagem de histórias fantásticas foi trazida por Pêcheux ([1975] 2009) para exemplificar o efeito do esquecimento n° 1, em referência a um dos feitos de Münchhausen: puxar-se a si próprio pelos cabelos e elevar-se nos ares.

¹⁴ De forma breve, mencionamos que o excesso é entendido como “estratégia discursiva que se caracteriza por aquilo que está demasiadamente presente no discurso” (ERNST, 2009, p. 04), enquanto a falta diz respeito a uma estratégia “relacionada mais diretamente à ocultação de elementos do interdiscurso de uma dada formação discursiva que só poderão ser resgatados a partir do apelo aos exteriores da linguística” (ERNST, 2009, p. 04).

¹⁵ O período foi retirado de manchete do portal online G1 (TENENTE, 2020).

estabelecendo um determinado efeito de sentido com relação ao referente. Pêcheux ([1975] 2009), p. 151 [grifos do autor]), diz que “a “articulação” constitui o sujeito em sua relação com o sentido, de modo que ela representa, no interdiscurso, aquilo que determina a dominação da forma-sujeito”. A oração subordinada está vinculada ao efeito provocado pela forma-sujeito da FD com a qual o sujeito se identifica. Ao contrário do que se preconiza na tradição gramatical, a oração subordinada adjetiva explicativa possui papel fundamental na oração se for considerada a relação necessária entre sintaxe e semântica discursiva. Dizer que as universidades públicas poderão perder recursos ou que são a causa da perda de recursos do Estado, na oração afirmativa, indica o funcionamento metonímico do discurso-transverso, ligado a uma posição política, ideológica e de classe: “observemos que o funcionamento do “discurso transverso” remete àquilo que, classicamente, é designado por *metonímia*, enquanto relação da parte com o todo, da causa com o efeito, do sintoma com o que ele designa etc.” (PÊCHEUX, [1975] 2009, p. 153 [grifo do autor]).

Com base nessa explicação, trazemos a afirmação de Pêcheux ([1975] 2009, p. 153 [grifos do autor]):

Vemos, ao mesmo tempo, que o que chamamos anteriormente “articulação” (ou “processo de sustentação”) está em relação direta com o que acabamos agora de caracterizar sob o nome de *discurso-transverso*, uma vez que se pode dizer que a articulação (o efeito de incidência “explicativa” que a ele corresponde) provém da linearização (ou sintagmatização) do discurso-transverso no eixo do que designaremos pela expressão *intradiscurso*, isto é, o funcionamento do discurso com relação a si mesmo (o que eu digo agora, com relação ao que eu disse antes e ao que eu direi depois, portanto, o conjunto dos fenômenos de “co-referência” que garantem aquilo que se pode chamar o “fio do discurso”, enquanto discurso de um sujeito).

Conforme já foi aqui mencionado, entendemos que pré-construído e discurso-transverso são funcionamentos diferentes do interdiscurso. Encontramos respaldo para essa assunção através do próprio Pêcheux ([1975] 2009, p. 101-102): “por oposição ao funcionamento do pré-construído – que dá seu objeto ao pensamento sob a modalidade da exterioridade e da pré-existência –, a articulação de asserções, que se apóia sobre o que chamamos o “processo de sustentação”, constitui uma espécie de *retorno do saber no pensamento*”. De um lado, o pré-construído fornece o objeto do pensamento pela obviedade advinda da FD dominante dentre todas as FD que constituem o complexo com dominante do interdiscurso (ligado ao esquecimento nº 1, representado pelo Barão de Münchhausen); por outro lado, o discurso-transverso coloca em circulação o saber da FD com a qual o sujeito se identifica, e, por isso, também lhe é óbvio (ligado ao esquecimento nº 2, representado pelo Monsieur de La Palice¹⁶). Trazemos, então, uma afirmação de Pêcheux ([1975] 2009, p. 32) sobre essa relação entre La Palice e Münchhausen: “La Palice, como se sabe, se entrega à evidência; Münchhausen, por sua vez, se especializa no absurdo que, como veremos, se avizinha estranhamente da evidência”.

O próprio autor diz que “uma FD não é um espaço estrutural fechado, pois é constitutivamente “invadida” por elementos que vêm de outro lugar (isto é, de outras FD) que se repetem nela, fornecendo-lhes suas evidências discursivas fundamentais (por exemplo sob a forma de “preconstruídos”¹⁷ e de “discursos transversos”)” (PÊCHEUX, [1983] 1997, p. 314). O

¹⁶ No original em francês, a obra “Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio” recebeu o título “Les vérités de La Palice”, remetendo ao *patrono dos semanticistas* (PÊCHEUX, [1975] 2009), que reafirma aquilo que é considerado óbvio.

¹⁷ Ao invés de *pré-construído*, grafia empregada ao longo do texto, mantivemos o registro da palavra conforme tradução da obra referida através da citação.

autor coloca, portanto, o fato de que todo efeito de sentido produzido via pré-construído e discurso-transverso são reproduções dos saberes oriundos de uma FD. A diferença é que o pré-construído reproduz o saber da FD dominante (que pode ser aquela com a qual o sujeito se identifica), ao passo que o discurso-transverso reproduz o saber da FD com a qual o sujeito se identifica. O pré-construído pode subverter a autoridade que a FD possui sobre o sujeito ao se encaixar no enunciado como um saber possível de se infiltrar em qualquer FD devido ao efeito de evidência a ele vinculado.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Retomando a fala da apenada, o funcionamento ideológico atua na construção histórica da representação de pessoa presa como alguém ignorante. Tem-se que o efeito de pré-construído é denegado em função da identificação da apenada com a FD que a interpela. Essa interpretação se aproxima, no nosso entendimento, daquilo elaborado teoricamente por Indursky (1997) como *negação do pré-construído do outro*, sendo uma modalidade de negação externa. O discurso do outro se constitui como *preso é ignorante*, ao passo que o discurso da apenada se constitui como *preso não tem que ser ignorante*. O discurso do outro precisa ser denegado porque, na verdade, é o pré-construído associado à pessoa presa.

Outras considerações poderiam ser feitas sobre a relação entre pré-construído e discurso-transverso. Cabe reconhecer o excesso de citações advindas da obra “Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio”. No entanto, muitas outras partes importantes delineadas por Pêcheux deixaram de ser ditas, sendo que a seleção das citações para figurarem neste texto foi bastante rigorosa. O que podemos ter como conclusão, a partir das considerações feitas pela análise do enunciado da apenada, é que existem dois funcionamentos diferentes do interdiscurso. Esses funcionamentos são materialmente inscritos na língua, pela articulação sintática e pelo encadeamento¹⁸. A negação do pré-construído se mostra como uma forma de contraidentificação àquilo que se tem como óbvio, reconhecendo-se o óbvio como não óbvio, o qual é advindo dos saberes dominantes configurados social, histórica e ideologicamente.

REFERÊNCIAS

- ALTHUSSER, Louis. *Sobre a reprodução*. Tradução de Guilherme João de Freitas Teixeira. 2.ed. Petrópolis: Vozes, 2008.
- ARBEX, Thais; DAL PIVA, Juliana; COUTO, Marlen. Bolsonaro compartilha vídeos sobre ato convocado contra Congresso e STF e provoca repúdio. 2020. *O Globo*. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/brasil/bolsonaro-compartilha-video-sobre-ato-convocado-contra-congresso-stf-provoca-repudio-24272047>>. Acesso em 18 de março de 2020.
- CATTELAN, João Carlos. Michel Pêcheux: entre o óbvio e o nome complexo. *Alfa*, São Paulo, 57 (2):389-412, 2013.
- COURTINE, Jean-Jacques. *Análise do discurso político: o discurso comunista endereçado aos cristãos*. São Carlos: EdUFSCar, 2009.
- DUCROT, Oswald. *O dizer e o dito*. Tradução de Eduardo Guimarães. Campinas: Pontes, 1987.
- ERNST-PEREIRA, Aracy. A falta, o excesso e o estranhamento na constituição/interpretação do *corpus* discursivo. In: SEMINÁRIO DE ESTUDOS EM ANÁLISE DO DISCURSO. 4., 2009, Porto Alegre, RS. *Anais...* Porto Alegre: UFRGS, 2009. Disponível em <<http://anaisdoead.com.br/4SEAD/SIMPOSIOS/AracyErnstPereira.pdf>>. Acesso em 18 de março de 2019.

¹⁸ Há estudos recentes que apontam para outras considerações sobre a operacionalização das duas noções. Pavan e Galvão (2019) e Ernst-Pereira e Quevedo (2013) trabalham com a imagem enquanto materialidade significante.

- ERNST-PEREIRA, Aracy.; QUEVEDO, Marchiori. Pré-construído e discurso-transverso: ferramentas de derrisão em uma charge de Latuff. *Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo*, v.9, n.2, p. 325-339, jul./dez. 2013.
- INDURSKY, Freda. *A fala dos quartéis e as outras vozes*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1997.
- HAROCHE, Claudine; PÊCHEUX, Michel; HENRY, Paul. A semântica e o corte saussuriano: língua, linguagem, discurso. In: BARONAS, Roberto Leiser. (Org.) *Análise do discurso: apontamentos para uma história da noção-conceito de formação discursiva*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2007.
- HENRY, Paul. Construções relativas e articulações discursivas. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas, (19), p. 43-64, jul./dez. 1990.
- HENRY, Paul. *A ferramenta imperfeita: língua, sujeito e discurso*. Tradução de Maria Fausta P. de Castro. Campinas: Editora da UNICAMP, 1992.
- HENRY, Paul. O discurso não funciona de modo isolado. 16/12/2013. Disponível em: <<http://www.unicamp.br/unicamp/ju/587/o-discurso-nao-funciona-de-modo-isolado>>. Acesso em 30 de maio de 2017.
- HENRY, Paul. 2017. Paul Henry – Análise de Discurso: alguns conceitos/ Analyse du Discours: quelques concepts. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=nO3IF7v7qHg>> Acesso em 24 de novembro de 2017.
- LEANDRO-FERREIRA, Maria Cristina. *Da ambiguidade ao equívoco: a resistência da língua nos limites da sintaxe e do discurso*. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2000.
- LEANDRO-FERREIRA, Maria Cristina. O caráter singular da língua na Análise do Discurso. *Organon* (UFRGS), v. 17, n. 35, p. 189-200, 2003.
- MALDIDIER, Denise. *A inquietação do discurso – (Re)ler Michel Pêcheux hoje*. Tradução de Eni Orlandi. Campinas: Pontes, 2003.
- MORAES, Érika de. Teorias semânticas e a implicação na língua(gem). *Alfa*, São Paulo, 53 (1): 262-282, 2009.
- PAVAN, Paula Daniele; GALVÃO, Alessandro Nobre. Da produtividade do conceito de pré-construído e seus diferentes modos de funcionamento: uma abordagem teórico-analítica. *Linguagem em (Dis)curso – LemD*, Tubarão, SC, v. 19 n.1, p. 173-191, jan./abr. 2019.
- PÊCHEUX, Michel. A Análise de Discurso: três épocas (1983). In: GADET, Françoise; HAK, Tony. (Orgs.) *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Tradução de Jonas Romualdo. 3.ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 1997, p. 311-319.
- PÊCHEUX, Michel. *Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Tradução de Eni Orlandi et al. 4.ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 2009.
- PÊCHEUX, Michel. Metáfora e interdiscurso. In: ORLANDI, Eni. (Org.) *Análise de Discurso: Michel Pêcheux*. Textos escolhidos por Eni Puccinelli Orlandi. Campinas: Pontes, 2011a, p. 151-162.
- PÊCHEUX, Michel. Efeitos discursivos ligados ao funcionamento das relativas em francês. In: ORLANDI, Eni. (Org.) *Análise de Discurso: Michel Pêcheux*. Textos escolhidos por Eni Puccinelli Orlandi. Campinas: Pontes, 2011b, p. 131-140.
- PÊCHEUX, Michel.; FUCHS, Catherine. A propósito da Análise Automática do Discurso: atualizações e perspectivas. In: GADET, Françoise; HAK, Tony. (Orgs.) *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Tradução de Péricles Cunha. 3.ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 1997, p. 163-252.
- TEIXEIRA, Marlene. *Análise de discurso e psicanálise: elementos para uma abordagem do sentido no discurso*. 2.ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005.
- TENENTE, Luiza. Universidades federais, que podem perder recursos em 2021, são responsáveis por quase 70% das notas máximas do Enade. 2020. *G1*. Disponível em: <<https://g1.globo.com/educacao/noticia/2020/10/20/universidades-federais-que-podem-perder-recursos-em-2021-sao-responsaveis-por-quase-70percent-das-notas-maximas-no-enade.ghtml>>. Acesso em 31 de dezembro de 2020.
- ZANDWAIS, Ana. O trabalho da argumentação: da ordem da língua para o funcionamento do discurso. In: VITALE, María Alejandra [et al]. *Estudios sobre discurso y argumentación*. Coimbra: Grácio Editor, 2019, p. 103-120.

Recebido: 21/3/2020

Aceito: 1/12/2021

Publicado: 20/1/2021